

MARINHA

A SARAH AFFONSO

Na manhã calma,
Rês-vés ao mar,
Rês-vés ao céu,
Barco a vogar.
Enlêvo de alma!

— *Bonecos* que eu fiz,
Quando era petiz.

Já havia inquietação!

Sonhava com viagens,
Pintava combóios, vapores,
Outras paragens...
Prenúncio destas dores!

— Enquanto petiz,
Eu era feliz.

Mas agora...

Barra fora,
Em realidade,
Singram frotas,
E, no azul,
Voam gaivotas
De verdade.

Que *Bonecos* fiz,
Quando era petiz!

MANOEL MENDES

CANÇÃO DA RUA PARADA

A MEU IRMÃO

Naquela rua parada
com uma nesguinha de céu,
no alto, também parada,
e vasos numa sacada,
onde há roupa pendurada,
parece que alguém morreu...

De manhã aquela rua,
ainda nua,
olha o céu entre as fachadas
e tem nas pedras sombrias
lágrimas finas e frias
de lembranças de cantigas
antigas
e desgraçadas...

Coitada daquela rua!...
nunca prende quem lá passa:
Há uma enorme desgraça
que ali, silente, fluctua:

Porque ela a todos quer bem
quem precisa passar, passa
e nunca pára ninguém...

FRANCISCO BUGALHO.

O SEGRÊDO DAS LINHAS

A MÁRIO ELOY

Nas linhas vive um bruxedo
na alma de cada ponto
submerso. Um vôo de pomba
vai pousar no scintilar duma estréla
em zenit da haste
da coluna de mercúrio

(Em cada linha pousado
um rouxinol. O seu canto
volátil, sugere a forma
através do seu encanto
... Paira ópio o corpo d'Irma
no árido ermo, que se erma
pleno do corpo d'Isolina)

E a revelação das linhas
dá a aleluia da forma;
— num ritual demiúrgico
cada ponto se transforma,
e a sua flor odorífica
abre, intrínseca, na essência,
— o mercúrio em delírio
e giesta
ignifica.

Por fim, o enigma das linhas,
cinto e curvo ao nosso crânio,
curva d'asa de condor,
de trás do céu ergue o céu
de cada um e o gerânio
transplanta. No gineceu
da flor bandos d'avezinhas
vão construir o seu ninho,
e ao génesis
criar novas linhas,
e novos caminhos.

Perdura,
perene,
das linhas o eterno segrêdo,
— rectas, quebradas, recurvas
que o tempo, hermético, segura
e o instante mal define
sem querer revelar-nos o enrêdo
humano,
humano cristal cortado em linhas turvas
d'ozone e engano
na truncação de cada plano

Mas, o segrêdo das linhas perdura
e cada ponto é uma estréla
que o nosso olhar desgrava
sobre a lonjura
que, humana,
confina
com este agora
— estátua estilhada em mil pedaços d'ins-
tantes
ao cair da coluna.

Por isso,
cada coisa vem dizer-me
surdina um longo segrêdo
ao ralenti,
— reflexo em vidro translúcido
do seu íntimo bruxedo.
Ponto a ponto numa rosa o flori
num pontilhado esquisso

ANTÓNIO DE NAVARRO

CANÇÃO

Oh tóda grácil!,
porque nas flores, fina,
te disfarças,

ou no debucho
das garças,
fácil,
por entre o bucho
dos parques?

... Escorrega, na minha, a tua pele?
(Que a minha pel'escalda!...)
: sequestro de esmeralda
num anel...

O D E AO SENHOR ANTÓNIO DE NAVARRO

RABI-MOR DE PORTUGAL
E DOS SEUS VERSOS

Senhor
Rabi-Mór
de estranhas sinagogas,
e dos poemas bíblicos
que compôs,
Senhor,
os seus palhaços-poetas
vestem frias togas,
(funéreas togas pretas!)
e há sombras no Reinado que transpôs.

Lá,
no de-Lá que fica àquem ainda,
emmaranhados fios duvidosos
crescem de sombra em sombra,
e a luz,
que se escorrega e guinda
dos turvos mares procelosos
da dúvida que aduz
mais fios duma sombra
bem mais sombria
ainda,
não deixa ver,
na curva que se ondeia
e tapa,
mais do que luz que confunde:
capa
de luz
que estonteia
numa agonia
linda.

Saúdo-o Senhor,
da minha chá
virtude de sentir
(virtude vã!),
da glória de transpor
a luz que ainda há-de vir,
radiosa e deslumbrante,
criar uma manhã
que nunca passe adiante.

ANTÓNIO PEDRO